

A Experiência do Exército Francês na África

Coronel (R/1) Henri Boré, do Exército Francês

POR MAIS DE quarenta anos, os soldados franceses aprenderam de uma dura forma os vários desafios das contra-insurreições e das operações de segurança, proteção e estabilidade na África. Ao treinarem as tropas africanas e as milícias territoriais, os soldados franceses enfrentaram profundas lacunas culturais e, desde os anos 60, estão envolvidos no que o General James N. Mattis do Corpo de Fuzileiros Navais chamou de “uma guerra de quatro quarteiros num ambiente de guerra híbrido” no qual as unidades empregam operações convencionais no primeiro quartirão e são frequentemente obrigadas a fazer a transição para o emprego de operações menos usuais tais como de pacificação, psicológica e de informação do segundo ao quarto quarteiros.¹ Em vista do atual enfoque na guerra não convencional e na conscientização cultural do Departamento do Exército, pode ser de alguma utilidade levar em consideração o que os irmãos de armas do Departamento do Exército aprenderam durante essas quatro décadas de desdobramento operacional na África. Que tipos de desafios operacionais eles encontraram e como lidaram com eles?

Enfoque Operacional: África

Pode não parecer que a África se equipare com o Iraque ou com o Afeganistão como o principal esforço na guerra contra o terrorismo, porém na era pós 11 de setembro, aparece indistintamente no horizonte estratégico da América. A persistente falta de segurança do continente permitirá que grupos terroristas usem estados africanos como bases operacionais. Os Estados Unidos e a França compartilham uma abordagem comum a este desafio contra a segurança. Por meio de crescente cooperação com organizações regionais e pan-africanas, ambas as nações formaram uma política similar que se apóia em dois

O Coronel Henri Boré serviu 28 anos no Exército Francês onde participou em sete contra-insurreições e operações de estabilidade e apoio, assim como numerosas missões treinando Forças Militares Africanas. Atualmente vivendo nos Estados Unidos, ele administra uma consultoria que objetiva o treinamento das Forças Armadas africanas. O Coronel Boré é também associado ao Centro para Estudos Estratégicos da África (Africa Center for Strategic Studies), ao Centro do Corpo dos Fuzileiros Navais para o Aprendizado Avançado de Cultura Operacional (Marine Corps' Center for Advanced Operational Culture Learning) e aos Programas Internacionais Northrop-Grumman.

pilares dominantes: no treinamento das forças africanas e no fornecimento de apoio logístico às operações de manutenção da paz naquela região. Em cada área, uma parceria com a União Africana e os resultantes programas de assistência aos militares africanos têm melhorado suas capacidades operacionais.²

Para suprir forças africanas com habilidades e recursos necessários para enfrentarem missões difíceis, os oficiais do Pentágono firmaram acordos com 10 nações do Sul e do Oeste africano. Esses acordos facilitam às Forças Armadas dos Estados Unidos realizar temporariamente missões, treinar forças armadas e prover bases de apoio, equipamento e suprimento.³ Seguindo uma estratégia pró-ativa para ajudar os africanos a se ajudarem, a França anunciou que vai concentrar suas tropas baseadas na África em três bases localizadas nos seguintes países da União Africana: no Senegal no Oeste da África, no Gabão na África Central e na República do Djibuti na África Oriental.⁴

Ao se ajustarem às novas realidades da guerra ao terrorismo e ao confrontar a incerteza da paz e da segurança na África, as nações ocidentais e africanas continuarão a formar laços cooperativos. “A África é um problema e uma responsabilidade de todos” advertiu o General James L. Jones, comandante do Comando Europeu dos Estados Unidos. Jones também sugeriu que, considerando-se a importância da África, o seu comando pode ter que incorporar o nome “Africano” no futuro para apoiar o continente ao Sul.⁵ As Forças Armadas dos Estados Unidos já têm um papel significativo no treinamento das forças subsaarianas. Mais indivíduos e unidades serão chamados no futuro para treinar forças africanas ou para combater em guerras híbridas como aquelas que recentemente ocorreram na Somália, em Serra Leoa, na Libéria, no Congo e na República do Djibuti.

Aprendendo sobre a África: “Quanto Mais Cedo Melhor”

Freqüentemente, os soldados franceses têm lutado em guerras não-convencionais e enfrentado as dificuldades de operar nas diferentes culturas africanas. Leva-se muito tempo para aprender e entender uma cultura estrangeira para então determinar como aplicar a experiência adquirida nos tipos de operações militares a serem empregados. Quanto mais cedo os jovens líderes franceses aprenderem sobre a África, mais confiantes e mais seguros eles estarão quando forem desdobrados naquele continente.



Força Aérea dos EUA

Capitão do Exército Francês Staphane Vidal do Escadron de Chasse 2/3 (“Champagne”) participa como um paciente em um exercício simulado combinado das Forças americanas e francesas de recuperação de pacientes em Djibouti, África. (27 fev de 2006)

Antes que qualquer planejamento de operação comece, os líderes de pelotões franceses passam por um curso no exterior cuja finalidade é treiná-los para combater uma insurreição. Eles aprendem sobre a diversidade das culturas africanas, as tradições e o enfoque das guerras. Em seguida, são ensinados a como aplicar esse conhecimento no treinamento das forças nacionais, das milícias territoriais além de tentar cativar os “corações e mentes” dos habitantes dos vilarejos locais onde ocorrem as rebeliões. No que diz respeito ao treinamento das forças africanas, eles aprendem a orientar pessoas que não se preocupam tanto com o prazo como nós, que não trabalham de uma maneira linear com horários ou planos e que não valorizam processos de controle como nós valorizamos. Eles são ensinados a manter o espírito de luta das unidades africanas respeitando suas tradicionais abordagens sobre a guerra e também são orientados a manter grupos étnicos dentro das mesmas organizações ou frações para se beneficiarem daquelas unidades de coesão.

Quando fiz o curso como líder de pelotão, as duas leituras iniciais exigidas eram “Os Sete Pilares do Conhecimento”, de T.E. Lawrence (*The Seven Pillars of Wisdom*), e a Guerra Moderna: Uma Visão Francesa da Contra-Insurreição, de Roger Trinquier. O currículo foi elaborado para nos ensinar sobre as culturas africanas, a coleta local de dados de inteligência,

as considerações africanas sobre a guerra, a prontidão para o combate das forças locais e o treinamento das unidades africanas. Basicamente, nós aprendemos a identificar as várias forças étnicas e religiosas no Oeste e no Chifre da África e as maneiras como elas influenciam a vida social e política. Fomos ensinados a aplicar esse conhecimento para manter a iniciativa em uma contra-insurreição, nas operações de segurança, proteção e estabilidade e também no treinamento das forças africanas.

O curso abordou certas questões-chave ou dúvidas que nós, jovens e inexperientes líderes de pelotão, tínhamos: Como ser ambos, um fuzileiro e um importante coletor de dados de inteligência? Como traduzir mudanças sutis nos hábitos da população ou em comportamentos individuais em dados vitais de inteligência? Como seguir um rastro da infra-estrutura de uma guerrilha e simultaneamente administrar programas de pacificação em nossas áreas de responsabilidade? Como treinar unidades e milícias africanas? Como conduzir uma contra-insurreição, operações de segurança e estabilidade, além de operações de manutenção da paz no deserto, nas zonas tropicais e nas áreas urbanas? Como executar táticas, técnicas e procedimentos específicos tais como guerra em ambiente urbano, controle de “check point”, encordoamento e busca, proteção de comboios e controle de fronteira?

O nosso instrutor era um coronel, um veterano das guerras da Argélia que tinha passado metade da sua carreira na África. Usando uma máxima de T. E. Lawrence — “Cavaleiros, não tomem sopa com uma faca” — ele nos mostrou como os ajustes culturais podem trazer grandes benefícios e como as guerras não convencionais forçam os líderes a pensarem criativamente ao executar uma variedade de operações militares não tradicionais como operações



@ADJ Drabi-Stip Terre

Forças francesas com tiro real em Chade. (2006)

psicológicas, assuntos civis e coleta de dados de inteligência.

Em retrospecto, aprender sobre a África com ele nos deu confiança e incutiu-nos dois aspectos críticos da cultura expedicionária — pensamento inovador e agilidade. Em todos os níveis de responsabilidade nas nossas carreiras, nos beneficiamos imensamente dessa instrução adiantada sobre a cultura africana e a guerra não convencional.

@ADJ Drahi-Srip Terre



Um soldado francês do 110º Regimento de Infantaria monta guarda numa base na Costa do Marfim. (2006)

Cultura no Campo

Quando deixamos o coronel e os líderes do curso do nosso pelotão, tínhamos absorvido completamente os princípios necessários para a condução bem-sucedida de uma guerra não convencional. Um desses princípios era de nunca subestimar o inimigo. Nós aplicamos isso quando enfrentamos uma insurreição em Chade, um motim na República Centro-Africana, uma sucessão de comandantes de guerrilhas na Somália e uma rebelião em Ruanda. Combatentes africanos são geralmente muito eficientes no terreno. Eles se aproveitam do terreno que conhecem profundamente e dominam técnicas de guerrilha ancestrais que são realçadas por sistemas de armas letais. Embora o seu equipamento seja, freqüentemente, inferior em relação à tecnologia, combatentes tribais africanos possuem imensos recursos de criatividade e são taticamente sofisticados o suficiente para infligir eventuais baixas pesadas. Eles usam o apoio da população habilmente, o tempo geralmente funciona a seu favor e os seus líderes são altamente motivados.

Então, para cortar uma insurreição pela raiz, nós realizamos buscas, destruimos depósitos de suprimento e células de comando, mas fizemos também ao mesmo tempo campanhas de inteligência e para cativar “corações e mentes” entre a população. O que hoje em dia nós chamamos de “operações de assuntos civis”,

“operações psicológicas” e “pacificação” eram então listadas como ações táticas nas nossas ordens de operação. Prosseguir com uma guerra de quatro quarteiros era fundamental para as operações. Nesse aspecto, cada soldado tornou-se um coletor crucial de dados de inteligência. Essa coleta tornou-se uma habilidade de combate tão valiosa como a pontaria de um atirador de escolta, manobras audaciosas e táticas inovadoras.

Para melhorar as condições de aquisição de dados de inteligência e para prevenir a criação de um terreno propício à geração de insurreição, nós trabalhamos algumas vezes com o auxílio de intérpretes, com chefes tribais, prefeitos locais, imames e homens santos, provendo os habitantes com o que eles precisavam para melhorar as suas condições de vida. Construímos escolas, cavamos poços, consertamos pontes e fornecemos apoio médico.

Nossa educação no exterior também nos ensinou sobre o valor de fazer ajustes culturais ao treinar forças nativas no Oeste e no “Chifre” da África. Nós aprendemos sobre os elementos ocultos das culturas locais e ficamos familiarizados com a metáfora do *iceberg*, a qual serviu para nos lembrar de que a chave para o sucesso de uma missão é conhecer a extensão da cultura que existe embaixo da superfície da percepção observada.

Tal conhecimento foi inestimável para líderes jovens. As Forças Nacionais africanas geralmente treinam e combatem de acordo com a doutrina ocidental. As suas tropas são disciplinadas e dedicadas a proteger suas nações. Como os soldados ocidentais, eles têm orgulho de servir seus países. Isso forma o pico do icebergue cultural. Embaixo da superfície, porém, muitos africanos estão divididos entre a sua herança cultural e a modernidade do Ocidente. Lealdade à estirpe, família, grupos religiosos e étnicos é freqüentemente mais importante do que aliança a um estado ou a instituições nacionais. Obediência étnica e religiosa, bem como a identidade de raça, continuam particularmente fortes, moldando mentalidades e condicionando comportamentos. Instrutores militares ocidentais ou forças aliadas devem, conseqüentemente, lembrar que a lealdade de alguns africanos para com o seu governo ou para com uma coalizão internacional é freqüentemente sujeita a desafios que podem ser tão repentinos quanto sutis.

Há crenças e práticas abaixo da superfície cultural que muitos ocidentais não imaginam ou acham difícil acontecer: um comandante de companhia no Chade atirando na cabeça de um de seus tenentes pela falta de respeito em frente da unidade; um capitão, nativo do sul da Mauritânia, obediente a um segundo tenente, que era um membro de uma tribo dominante do norte; soldados regulares executando mulheres e crianças em Ruanda. Apesar dessas ocorrências perturbadoras, o treinamento nos permitiu continuar a caminhar por essas estradas pouco percorridas e a continuar operando eficientemente; fomos bem-sucedidos em nossas missões graças ao fortalecimento do relacionamento com os militares locais e com a população. De modo geral, estávamos profundamente conscientes de que ajustes culturais eram vitais para o cumprimento da missão.

Fórmula para o Sucesso

O conhecimento das tradições, das crenças religiosas e das superstições ocultas é extremamente benéfico no combate às guerrilhas ou no treinamento das forças africanas. Assim, o Exército Francês lida com os aspectos operacionais das culturas locais por intermédio

do ensino sobre a arte da guerra, treinamento de pré-desdobramento e um currículo de assuntos profissionais. Ensinar os líderes cedo em suas carreiras a entender a cultura, a tradição e diversas abordagens africanas sobre a guerra tem sido a chave do sucesso operacional no terreno.

As forças expedicionárias, independentemente de suas nacionalidades, mantêm-se prontas para se desdobrar para qualquer lugar com pouco aviso prévio. Na guerra não convencional, espera-se do líder menos experiente uma reação rápida e adequada para transformar populações inicialmente suspeitas ou hostis em valiosos recursos cooperativos. Para um oficial ser bem-sucedido deve ter como habilidades individuais de combate o conhecimento sobre assuntos civis, operações psicológicas e coleta de dados de inteligência. Na África, assim como no Iraque, no Afeganistão e em muitas outras áreas de interesse, a eficiência dos líderes do exército depende da habilidade de aproveitarem operacionalmente tradições e culturas locais e a maneira como elas moldam profundamente desejos e comportamentos. A integração da guerra não convencional com aspectos da cultura local em cada faceta do treinamento de um combatente tem sido um dos pilares da experiência dos expedicionários franceses. **MR**

Referências

1. MATTIS, Gen James N. e HOFFMAN, Ten Cel Frank G./ "Future Warfare: The Rise of Hybrid Wars," Proceedings 132, disponível em <<http://www.usni.org/proceedings/Articles05/Pro11Mattis.htm>>, acesso em 17 de maio de 2006. "Four-block war" (A guerra de quatro quarteiros) é uma expansão de Mattis do conceito da "Three-block war" (Guerra de três quarteiros) do ex-Comandante do Corpo dos Fuzileiros Navais General Charles Krulak. Krulak alegava que o soldado expedicionário de hoje tem que ser capaz de combater em um quartirão de uma cidade, distribuir suprimentos humanitários na próxima quadra e, em seguida, promover a paz entre facções combatentes em outros quarteiros. Para esse requisito, Mattis acrescenta a necessidade de conduzir eficientes operações de inteligência.
2. Dois desses programas são as Operações de Contingência e a Assistência de Treinamento Africano pelos Estados Unidos (*African Contingency Operations and Training Assistance*) e pela França (*Reinforcement of African Peacekeeping Capabilities*) (Fortalecimento das Capacidades Africanas de Manutenção de Paz).
3. BENNETT, John T/ "Jones: U.S. has 'security locations' deals with up to 10 African nations," Inside the Pentagon, 27 de outubro de 2005.
4. O plano francês foi revelado em dezembro de 2005, na Cúpula Franco-Africana em Bamako, no Mali.
5. GARAMONE, Jim; "Africa Integral to U.S. European Command, General Says," American Forces Press Service, março de 2005.